

FICHA TÉCNICA PARA ENTREVISTAS

IDENTIFICAÇÃO DO PATRIMÔNIO: Ofício do Chico Sapateiro

CATEGORIA: Saberes, ofícios e modos de fazer.

COMUNIDADE ASSOCIADA: Vila União

ENTREVISTADO: Chico Sapateiro

BREVE DESCRIÇÃO: Francisco dos Santos

DATA DA ENTREVISTA: 23 de Agosto de 2024

MINUTAGEM:

[Para acessar a entrevista, clique aqui!](#)

0:15 - 3:22

3:34 - 4:25

4:31 - 5:44

5:59 - 6:24

6:41 - 7:13

7:19 - 8:28

8:46 - 9:26

9:40 - 9:55

[ANTREVISTADOR] Boa tarde, você poderia me dizer seu nome completo?

[Francisco Santos] Francisco Santos.

[ENTREVISTADOR] Seu Francisco, como você conheceu a sua profissão quando você chegou a ser um sapateiro?

[Francisco Santos] Eu tinha 11 anos de idade quando comecei a aprender essa profissão. Aí fui indo, indo, aí foi o tempo que eu cheguei no Vila União, Aí comecei a trabalhar, né? Eu vim pra casa de um pessoal. Pessoal... Eu com 14 anos de idade. Aí o pessoal... Fiquei trabalhando e morando com eles. Tanto que eles foram pra São Paulo e eu continuei no Vila União. Mas trabalhei com o Soares, que foi uma pessoa que foi presidente do Vila União. É... Trabalhei com outros lá. Aí trabalhei em fábrica de calçado. Aí foi a época que eu me casei. Aí trabalhei uns quatro anos em fábrica. Aí resolvi trabalhar pra mim mesmo. Aí... Comecei a abrir uma officinazinha, comecei a trabalhar em casa. Fabriquei umas sandálias pra boutique. E nessa boutique eu trabalhei uns dois meses, só que o modelo de sandália que eu fazia era muito trabalhoso, só dava para fazer por semana 15 pares, que era muito complicado, muito trabalhoso. Quando eu levei o mostruário para uma boutique, a dona da boutique, gostou e tudo, aí me encomendou três notas de 15 pares, branco, vermelho, preto. Aí quando eu ia com a última nota, eu já ia com outro modelo. Eu criava um modelo, levava e ela gostava. Eu sei que eu trabalhei uns dois meses ou mais com essa boutique, aí resolvi trabalhar com

encomendas e concertos de sapatos no Vila União. Aí fui tomando muito conhecimento do povo, Aí até o Sr. Isaac do Palheta, eu fabriquei umas duas botas pra ele e fiquei. Aí pronto, no concerto completou. Aí ficou que eu deixei de fabricar calçado e fiquei só no concerto porque não dava conta. Eu trabalhava sempre só e... continuei trabalhando nos concertos, saí da rua Jorge Açú, fui ali para o Lineu Jucá, aí fiquei lá como estou lá até agora, aí me aconteceu esse problema no coração, eu tive de parar um pouco, porque foi feito o ponto safena, aí eu tô me recuperando para retornar de novo. Só que faz muito tempo que eu trabalho para muitas pessoas, pessoal da confiança, pessoal do aeroporto, ali da Cajé. Então eu fiquei muito conhecido. É tanto que eles botaram até o meu nome no celular, no Instagram. E todo mundo me conhece. Aí vem serviço de todo canto para mim.

[ENTREVISTADOR] Lembro disso. Você poderia me dizer um período importante dentro da profissão do senhor? Algum acontecimento que marcou o senhor nesses anos e anos consertando o sapato?

[Francisco Santos] O que me marcou quando eu... É que Deus me mostrou uma sorte, umas coisas que eu tive, ganhei uns prêmios e melhorou muito para mim. E agora é recente, está muito bom, muito movimentado, só que deu esse problema em mim, né? Deu esse problema de eu fazer essa ponte de safena, aí tive que parar um pouco. Estou me recuperando pra retornar, mas o meu auge mesmo é de 4 anos pra agora, né? Tá muito bom, graças a Deus. Muito procurado, se diz.

[ENTREVISTADOR] Ainda bem, né?

[Francisco Santos] É, muito procurado. É tanto que o pessoal ainda me procura.

[Francisco Santos] A minha esposa ficou lá e o pessoal tudo me aguardando o meu retorno. O

[ENTREVISTADOR] Senhor observou alguma mudança dentro do ofício do senhor ao longo dos anos?

[Francisco Santos] Muito. Quando eu comecei para esse período agora, de muitas mudanças. Hoje, um sapateiro hoje, de fábrica, ele só faz um pedaço do sapato, que é tudo esteira. Não é, porque eu aprendi completo. Eu pego uma forma, eu pego um papel, eu faço o modelo que eu quero. Faço um sapato, faço uma sandália. Aí é assim, por isso que eu notei hoje muito diferente. O profissional hoje não é completo, cada um faz um pedaço do sapato. Você termina lá na esteira, quando termina o sapato já é encaixado. Aí cada pessoa faz uma parte, né? Tem o que corta, tem o que monta, tem o que... que bota o solado, lá embaixo tem o pessoal de encaixar, aí se tornou muito, agora tudo bem, que é muito rápido, né? É muito rápido, é uma equipe agora. Eu achei a mudança muito importante. Para a produção.

[ENTREVISTADOR] Quais seriam os desafios que o senhor percebe para a preservação da produção de raiz, não a de fábrica?

[Francisco Santos] A de raiz, o que eu lhe digo é que está acabando. Porque a moçada hoje não procura aprender a profissão, como eu fui começar a aprender essa profissão, eu tinha 11 anos de idade, então a moçada não procura, não quer. Você tira pela época da Zé de Alencar, aquele pessoal era cheio de sapateiro, hoje tá se acabando, não tem mais, né? Muito pouco.

[ENTREVISTADOR] E qual é a relação que o senhor tem como profissional que está há anos dentro do bairro? Eu conheço o senhor quando o senhor morava na outra casa e quando foi para frente. E qual é a relação que o senhor tem da profissão do senhor com o bairro do Rio de Janeiro?

[Francisco Santos] A minha relação, que eu fiquei muito conhecido, né? Do povo. Todo mundo me conhece. Se você está na rodoviária, se procura ali um sapateiro, aí o pessoal informa que tem um sapateiro no Vila União, que é a Praça do Chico Sapateiro. No aeroporto, do mesmo jeito. Na Cajete, do mesmo jeito. No centro, do mesmo jeito. Naquelas casas de onde vende materiais de sapateiro, todo mundo me conhece.

[Francisco Santos] Eu acho isso que a gente fica muito conhecido, né?

[ENTREVISTADOR] incompreensível

[Francisco Santos] Às vezes eu tava em casa, eu tava fechando pro almoço, era uma hora. Aí chega um carro de repente do aeroporto, esse pessoal vinha de Belo Horizonte. Ia pra um casamento lá no Cumbu, o sapato do homem descolou. E já de última hora. Aí eu abri novamente, fui colar o sapato pra eles irem. Eles ficaram esperando lá. Outra vez aconteceu lá no Maracanãú. Um pai e um filho iam pra um casamento. Aí o que que acontece? Os sapatos descolados estavam guardados, né? Isso sábado, quatro e meia da tarde. Aí tinha um rapaz lá com si que me conhecia do Vila União. Aí disse, rapaz, olha, tem uma pessoa que ajeta esse teu sapato que vai te salvar. É lá no Vila União. É o Chico Sapateiro. Você chega de frente à praça e você faz lá pra ti. Aí ele veio do Maracanãú para o Vila União. Aí chegou e eu fiz eles esperando. Aí acontece muito isso, o pré-visto, né? Aí a gente ficou muito conhecido.

[ENTREVISTADOR] Eu queria perguntar se você gostaria de deixar algum comentário para essa juventude que está vivendo agora, sobre reconhecer a profissão do sr. enquanto patrimônio.

[Francisco Santos] Assim, para eles aprenderem.

[ENTREVISTADOR] Para eles cultivarem a prática e a valorização.

[Francisco Santos] O que eu acho é que o governo, ele era para fazer uns cursos nesses locais, fazer uns cursos de profissionalizantes. para tirar essa meninada de rua de vício, de droga para ensinar o básico para eles consertarem que é mais fácil deles aprenderem para eles se manterem e sair dessa vida e depois estudar e ficar trabalhando praticando a profissão que era muito bom o que eu acharia bom era isso aí que o governo fizesse uns cursos profissionalizantes nessa minha profissão que ela está se acabando

[Francisco Santos] Você pode ver. Eu fui fazer essa minha operação, eu conversando com os médicos, eu fui fazer um cateterismo.

[Francisco Santos] Aí tinha uns, não sei se era acadêmico ou médico, que foi sapateiro. Estava falando, a gente conversando, tudo. Tudo sobre isso aí, a profissão.

[ENTREVISTADOR] Pois pronto, a gente se agradece.

[Francisco Santos] Eu fico muito agradecido também.

[Francisco Santos] Obrigado.